

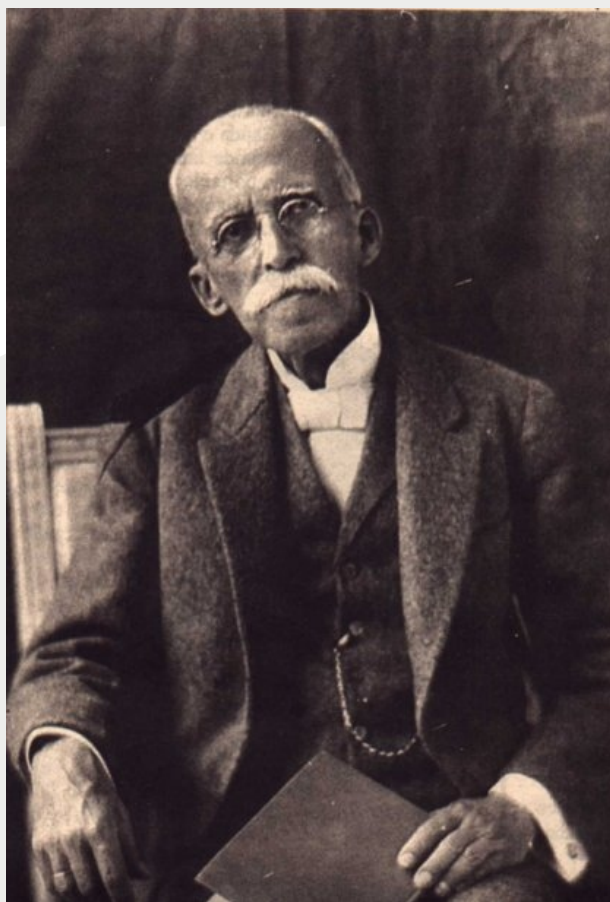
RUY E O CONTROLE DE CONTAS

Victor Faccioni

Presidente da ATRICON
(Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil)

A data de 5 de novembro deste ano lembra o 157º aniversário de nascimento de Ruy Barbosa (5-11-1849), "o maior gênio da nacionalidade brasileira, tão eminente que encarnava a própria nação no que ela tem de mais alto, mais nobre e mais puro", como comentou o jornal carioca A Pátria, no dia de sua morte em 2 de março de 1923. Entre os muitos serviços que prestou ao País, destaco a criação do Tribunal de Contas da União, que aconteceu em 7 de novembro de 1890, duas datas importantes no mesmo mês, em anos diferentes, institucionalizado na Constituição de 1891. Nesse ano, Ruy Barbosa era ministro da Fazenda, quando também idealizou um projeto de Reforma Tributária, que, se tivesse sido aplicado, "colocaria o Brasil, desde então, no rol dos países com as mais perfeitas instituições tributárias", segundo a mestra em Economia da Faculdade Ruy Barbosa, de Salvador (BA), Almerinda Andréa P. S. Gomes. Esse baiano frágil e de baixa estatura deixou cerca de 50 obras sobre Direito, Política, Literatura e Jornalismo, tendo sido um dos sócios-fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Ao justificar a criação da Corte de Contas, Ruy Barbosa disse que ela se coloca "entre o Poder Legislativo, que aprova o orçamento e autoriza a despesa, e o Poder Executivo, a quem compete cotidianamente executá-los. É um órgão mediador e independente que, com a mão forte, impedirá as infrações orçamentárias por um veto oportuno aos atos do executivo, que discrepassem da linha rigorosa das leis de finanças".



Na saudação "Oração aos moços", aos formandos em Direito, de São Paulo, em 1920, porém, é que aparece sua visão cristalina sobre a Justiça. "*Justiça atrasada, não é justiça, senão injustiça qualificada e manifesta. Porque a delação ilegal nas mãos do julgador contraria o direito das partes, lesando assim o patrimônio, a honra e a liberdade*". Apelando, depois, para a melhor experiência de sua vida, recomendou aos jovens bacharéis: "*Não há justiça onde não haja Deus. Queréreis que vo-lo demonstrasse? Seria perder tempo. O gênero humano afunda-se na matéria, e no oceano violento da matéria flutuam, hoje, os destroços da civilização destruída*". E acrescenta: "*De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer as injustiças, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto*", para concluir: "*Esse fatal excídio está clamando por Deus*". Visão de um gênio sempre atual.